

NÔMADE DIGITAL

INFORME SETORIAL

Nômade digital enfrenta ‘perrengues’ em nome da flexibilidade

Brasileiros que optam por morar bem longe do trabalho vivem o desafio de lidar com burocracias e regras de cada país

O Estado de S. Paulo.

O nomadismo digital ganhou força com a pandemia, impulsionado pelo trabalho remoto, e vem conquistando brasileiros ao pôr fim às limitações geográficas e permitir viajar enquanto se trabalha. Mas o modelo exige planejamento, disciplina e autoconhecimento para lidar com imprevistos.

Pesquisa do LinkedIn registrou um aumento de 83% em anúncios de vagas mencionando flexibilidade desde 2019, além de um crescimento de 343% nas referências ao termo em publicações na rede. Conforme a 10.^a edição do estudo “Tendências Globais de Talentos 2022”, publicado neste mês, os funcionários querem flexibilidade para trabalhar onde, quando e como preferirem, e estão mais do que dispostos a deixar as empresas que não proporcionarem isso.

Outro mapeamento da Revelo, startup de recrutamento e seleção que conta com 1,5 milhão de candidatos cadastrados em sua base, mostra que praticamente não existem mais buscas por vagas presenciais. Em um dos estudos recentes, 78% dos profissionais disseram considerar trocar de emprego caso não haja flexibilidade para trabalhar de casa.

Há cerca de 35 milhões de nômades digitais no mundo, e esse número deve chegar a 1 bilhão até 2035, segundo Diana Quintas, sócia no Brasil da empresa de migração Fragomen e vice-presidente da Associação Brasileira dos Especialistas em Migração e Mobilidade Internacional (Abemmi). Se antes eram pessoas que não tinham raízes no trabalho, agora o grupo é diverso, formado por profissionais de diferentes cargos, setores e níveis.

A paulistana Camila Bertelli Macedo, de 33 anos, sempre atuou em regime de carteira assinada em escritório presencial e, há quatro meses, decidiu se tornar nômade digital.

“Entreguei meu apartamento em São Paulo em outubro. Já passei por 12 cidades. Hoje, estou em Luxemburgo, depois vou para Itália e, em seguida, Inglaterra”, conta ela, que é gerente de recursos humanos da Nexa Resources e atuou na implementação do teletrabalho e do trabalho híbrido na empresa. “Entendemos que o teletrabalho é uma escolha.”

Camila conta que precisou adaptar sua rotina à nova realidade, seja em relação ao fuso horário para se comunicar com a empresa, seja para realizar as tarefas pessoais. “Foi bem desafiador. Dormia menos e ficava ansiosa ao reagendar compromissos. Achava que precisava estar 100% disponível. Precisei rever todas as agendas, fazer acordos e dar mais autonomia ao meu time. Cheguei a perder uma reunião porque dormi.”

Para se sustentar em outro continente, a gerente converteu seu salário para a moeda local. “O custo de vida em São Paulo é tão alto, que, com menos dinheiro aqui, tenho uma vida semelhante. Abri uma conta internacional para facilitar a movimentação bancária.” Lidar com questões burocráticas e legislativas de outros países é um problema com que muitos só se deparam depois de cruzar a fronteira. Foi o

que observou a jornalista e escritora Lídia Zuin, de 31 anos, que se mudou para Berlim em dezembro de 2021. “Sempre trabalhei com meu CNPJ, inclusive atendendo a empresas estrangeiras. Mas, quando entra dinheiro de fora, há questões mais complexas, principalmente quando é necessário emitir nota fiscal.”

Segundo ela, além da dificuldade para alugar apartamento na Alemanha, há documentações necessárias para poder trabalhar. “A conversão da moeda nem sempre vale a pena. Além dos tributos gerados pela minha empresa, tenho de pagar imposto por estar recebendo esse dinheiro em outro país. Não sobra muito.”

Na experiência dela, algumas ferramentas podem ajudar, como é o caso do aplicativo Nomad, além de bancos digitais com taxas menores e incentivos fiscais e de visto ofertados por países como Estônia, Croácia e Costa Rica. Ela destaca, porém, que a vida de freelancer na Europa não é fácil.

“Dependendo do local, pode-se ficar até três meses e você não é considerado cidadão fiscal. Mas, depois desse tempo, é preciso pagar impostos. Faz mais sentido respeitar a tolerância do visto”, acredita.

Essa foi a aposta do escritor e educador Matheus de Souza, de 32 anos, que já rodou 26 países. Ele conta sua experiência e dá dicas para viver e trabalhar em qualquer lugar no livro *Nômade Digital*, da editora Autêntica Business (2019).

“Tenho empresa no Brasil e pago todos os impostos. Embora existam vistos específicos para nômades digitais, opto pelo de turista, por não trabalhar para empresas estrangeiras e não querer me fixar em nenhum local. Respeito o tempo de permanência de cada país. No México, por exemplo, são seis meses.”

O escritor explica que uma das maiores dificuldades desde que mudou seu estilo de vida é comprovar residência, quando necessário. “Fui abrir uma conta digital no Brasil e tive de pedir o endereço da minha mãe. Esse é o grande pesadelo dos

nômades.”

Matheus conta que passou por situações inusitadas. Certa vez, ficou preso por cinco horas em um elevador na Sérvia, sem falar o idioma. “Também já tentaram me aplicar golpes, com notas rasgadas ou troco errado. Cheguei a perder a carteira no raio x do aeroporto de Portugal. Fiquei duas semanas vivendo só com cartão do Brasil, pagando altas taxas. Não levo todos os cartões juntos”, lembra ele, que sugere atenção especial a países com tensão política. “Quando a Rússia cortou relações com a Geórgia, meu voo foi suspenso, e não tive reembolso. Precisei mudar o meu planejamento.”

Núcleo de Inteligência – ADECE/SEDET

Edição 380 - Em 24 de fevereiro de 2022

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria
do Governo do Estado do Ceará.